

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

CANCIONEIRO POPULAR DO BAI- XO-ALEMTEJO

ORGANISADO POR

DIAS NUNES

(continuação)

CXIX

O' amor, pois tu não vês
Tristeza em meu duário (1) ?
Acaba já d'uma vez
Com meu viver solitario!

CXX

Os teus olhos de páo preto,
Riscadinhos a compasso,
São o 'spelho em que me vejo
Quando à tua rua passo.

CXXI

Oh Serpa, melhor das villas,
Talvez que muitas cidades!
Oh! quem podera lá ir
A matar umas saudades!

CXXII

O tocador da viola
Merece uma bôa ceia:
Uma data de pásadas,
Trinta dias de cadeia.

CXXIII

O tocador da viola
Merece uma gravata:

(1) Duário (ou duairo) = semblante. Bem como esta, hão-de apparecer no "Cancioneiro,, multissimas palavras, que não se encontram nos dictionarios, mas que já estão coordenadas e definidas, n'um extenso vocabulario, que occupa quasi todo o 1.º volume da nossa obra "Linguagem e Tradições populares da villa de Serpa,—presentes a sahir á luz.

D. N.

Hei-de mandar fazer-lhe uma
Do rabo da minha gata.

CXXIV

O tocador da viola
Merece uma gallinha...
Mastigada c'os meus dentes.
Cá p'r'a minha barriguinha.

CXXV

O tocador da viola
E' feio, mas toca bem...
Se não casar pela prenda,
Formosura não a tem.

CXXVI

O tocador da viola,
Oh moças! tratem-no bem,
Que elle é de fóra da terra,
Não conhece aqui ninguem.

CXXVII

O tocador da viola
Merece levar pásadas:
A viola não é sua,
As cordas são emprestadas!

CXXVIII

—Olá, camarada!
Que levas à tua?
—P'r'ò cabello armado,
Levo-lhe uma lua.

CXXIX

O' moças, não queiram
Casar com ganhões,
Não ganham ávóudo
P'ra comprar botões.

CXXX

O' José, pega na penna,
Escreve, que eu vou notando;
Escreve que eu por ti morro
Sem saber hora nem quando.

CXXXI

O jasmineiro é verde,
As flores que dá são brancas.

Como pôde amar firme
Quem se diverte com tantas!

CXXXII

O meu lindo amor
Merece, merece...
'Ma colher de pão
P'ra comer almece.

CXXXIII

O meu amor é de Brinches,
E' de Brinches, é brincheiro.
O que importa ser de Brinches
Se elle é rico, tem diuheiro!

CXXXIV

O homem que usa bigode,
Usa de moda bem louca:
É comô o gato assanhado
Que leva o rato na bocca.

CXXXV

O meu amor 'stá nas sortes,
Mas não ha-de ser soldado;
Ha-de haver algum empenho
P'ra livrar um desgraçado.

CXXXVI

O encarnado é guerra,
Quem n'ô usa quer brigar;
O roxo é paciencia:
Deus m'a deu para te amar.

CXXXVII

O' rosa deixa-te estar
Fechadinha, em botão;
Aberta cáem-te as folhas,
Fechada não cáem, não.

CXXXVIII

O' rosa, vem-te commigo,
Deixa ficar a roseira;
Esta noite chove agoa:
Rosa molhada não cheira.

CXXXIX

O amor quando se encontra
Mette susto e dá gôsto,
Sobresalta o coração,
Faz subir a côr ao rosto.

CXL

O meu amor não é este,
Não é este, não o quero;
O meu tem olhos azues,
Este tem-n'os amarellos.

CXLI

O amor nasce dos olhos,
Procede do coração,
Vive da correspondencia
E morre da ingratidão.

CXLII

O amor não é p'ra tolos!
Deixem amar os espertos,
Que sabem render finezas,
Corresponder aos affectos.

CXLIII

O meu amor mais o teu
Ambos são trabalhadores:
O meu é cravo dobrado,
O teu é bóquê de flores.

CXLIV

O meu amor mais o teu
Ambos são officiaes:
O meu é carapinteiro,
O teu rebóca p'iaes.

CXLV

Os olhos d'aquella, aquella!
Os olhos d'aquella alem...
Os olhos d'aquella, aqueila,
São os olhos de meu bem!

CXLVI

O' rosa, ó rosa,
O' rosa, rosinha:
Eu hei-de ser teu,
Tu has-de ser minha.

CXLVII

O' amor, não dês
Minha carta a ler,
Que eu tambem não dou
Meu braço a torcer.

CXLVIII

Os brinquinhos ás orelhas
Sempre se estão bandeando...
Quem me dera dar um beijo
Onde os brinquinhos 'stão dando!

CXLIX

Quero, porque quero,
Quero e tenho dito,
Quero um amor pobre,
Airoso e bonito.

CL

Quando eu quiz, não quizeste,
Julgavas que eras mais que eu;
Agora que tu já queres,

Agora não quero eu.

CLI

Quem disser que a saudade
Que não chega ao coração,
Tenha amores, viva ausente,—
Saberá se chega ou não!

CLII

Quando eu cantei, cantei,
Quando eu cantei, cantava.
Quando eu chorei, chorei
Quando eu chorei, chorava.

CLIII

Quem quizer pintar ao vivo
A triste melancholia,
Não tem mais que retratar-me
Sem a tua companhia.

CLIV

Quando contigo me encontro,
Ao rosto me sobe a côr;
Inda que queira não posso
Negar que sou teu amor.

CLV

Eu escrevi ao Cupido
Mandando-lhe perguntar
Se um coração offendido
Tem obrigação de amar.

CLVI

Eu já vi um Santo Antonio
Em cima d'um albricóque,
Com 'ma seringa na mão
Para seringar S. Roque.

CLVII

Esta noite chovem pápas...
O' moças, tragam colheres!
Quem quizer ouvir mentiras
Chegue-se ao pé das mulheres.

CLVIII

Eu adoro a uma flôr:
E' singella mas è pura:
Por ella quero deitar
As faces à sepultura.

CLIX

Estas meninas d'agora
Já nos não mostram os dentes.
Anda agora muito em moda
Garibaldes de patentes.

CLX

Esta noite, nem me eu deito,

Só afim d'ouvir cantar;
Gosto d'ouvir o bem feito
Em certo particular.

CLXI

Eu não sei que sympathia
Minh'alma co'a tua tem!
Não me pede o coração
Senão que te queira bem.

CLXII

Eu não sei que mal eu fiz
Ao ladrão do meu amor!
Passa por mim não me falla...
E' um falso, é um traidor!

CLXIII

Eu amei a um ingrato...
Esquecel-o, isso não;
Cada vez que n'elle fallo
Palpita-me o coração!

CLXIV

Eu amava dois amores:
Deixei-os por não ter geito;
Agora, nem um nem outro...
'Stá um capêço bem feito!

CLXV

Eu quero bem e não quero
Dizer a quem quero bem;
Quero bem a um ingrato,
Dizel-o me não convem.

CLXVI

Tenho dentro de meu peito
Duas escadas de vidro:
Por uma desce a paixão,
Por outra sóhe o allivio.

CLXVII

Tuas faces côr de rosa,
Encarnadas, lindas são!
—Parecem rosas abertas
Na manhã de S. João.

CLXVIII

Tenho dentro de meu peito
Um punhal com cinco bicos,
Para matar e ferir
Quem andar commigo em ditos.

CLXIX

Tenho dentro de meu peito,
Ao lado do coração,
Duas lettrinhas que dizem:
—Morrer sim, deixar-te não.

CLXX

Tenho dentro de meu peito
Duas escamas de peixe:
Uma diz que te não ame,
Outra diz que te não deixe.

CLXXI

Tão longe, meu bem, tão longe,
Tão longe que de mim 'stais!
Nem eu oiço os teus suspiros,
Nem tu ouves os meus ais!...

CLXXII

Tenho uma pena... ai! que pena!
Tenho uma dôr... ai! que dôr!
Tenho o coração partido
De não vêr o meu amor!...

CLXXIII

Tanto coração...
Sem nenhum ser meu!
Amor da minh'alma,
Dá-me cá o teu.

CLXXIV

Todos os Josês são vários,
Franciscos, extravagantes;
Manueis, dissimulados,
Antonios... reis dos amantes!

CLXXV

Toda esta noite eu caminho
Por estradas tão medonhas,
Sempre contigo sonhando...
Só tu commigo não sonhas!

CLXXVI

Toda a mulher que è casada
Com um homem pequenino,
Puxa-lhe pelas orelhas:
—Anda cá, meu macaquinho!—

CLXXVII

Tenho dentro de meu peito
Um laço com cinco azelhas,
Para prender os teus olhos
Mais as tuas sobranceilhas.

CLXXVIII

Cupido vae pela serra,
Descalço pisando flores,
Gritando, em altas vozes:
«Viva só quem tem amores!»

CLXXIX

Cada vez que eu considero
Que tenho um amor ingrato,

Não sei como não atiro
Commigo ao chão e me mato.

CLXXX

Coração que adora a dois,
Que firmeza pode ter?
Só se fôr coração d'homem,
De mulher não pôde ser.

CLXXXI

Com cinco réis d'alfinetes
Se compõe uma mulher;
Põe um lenço encarnado
E engana os que ella quer.

(Continúa)

FOLK-LORE PORTUGUEZ

Trovas alemtejanas

Recolhidas no concelho d'Elvas
por

A. THOMAZ PIRES

(Continuado da col. 56. vol. XIII)

2240

Santa Eulalia, Santa Eulalia,
Aldeia da minha paixão,
Quem mo dera poder dar-te
Alma, vida, e coração.

2241

A Villa de Barbacena,
E' caminho da Conceição;
No meio fica a Colónia,
Onde trabalha o meu João.

2242

A Villa do Barbacena,
Tem um asylo no meio,
Onde namoram as meninas
Là nas horas de recreio.

2243

Adens quinta do Vêdôr,
Alcobaça dos enganos,
Monte Longo è jardim
Deita cravos todo o anno.

2244

As contas do meu rosario,
Estão fartas de servir,
Em eu rezando por ellas,
Meu amor faço aqui vir.

(Continúa)